



Entrevista

Gibby Zobel: “Por uma questão de igualdade humana, procuro dar a chance de falar às pessoas que não alcançam falar em qualquer outro lugar. Isso está no fundo do que eu faço no rádio”

Nivaldo Ferraz¹

RESUMO: Repórter britânico de áudio e vídeo radicado no Brasil, Gibby Zobel fala sobre o processo de suas reportagens para o programa Outlook, da BBC Radio Four, de Londres. O jornalista explica como busca dar voz aos que não tem como se manifestar e de que forma usa em suas reportagens apenas sons que capta em todos os lugares que vai. Além disso, revela como respeita o silêncio dos entrevistados enquanto eles estão pensando.

PALAVRAS-CHAVE: *Captação de sons locais. Entrevista. Reportagem no rádio. Respeito ao silêncio.*

ABSTRACT: British reporter for audio and video living in Brazil, Gibby Zobel talks about the process of his reports for the Outlook, a program of BBC Radio Four, London. The journalist explains how he seeks to give voice to those who cannot express himself and how he uses in his reports only sounds that he captures everywhere he goes. In addition, Gibby reveals how he respects the silence of those interviewed while they are thinking.

KEYWORDS: *Capture local sounds. Interview. Reporting on radio. Respect for silence.*

¹ Doutor em Ciências no Programa Meios e Processos Audiovisuais e mestre em Ciências da Comunicação, ambos pela Escola de Comunicações e Artes – ECA – da USP. Jornalista de rádio. Coordenador e professor do curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: ferraznivaldo@gmail.com.

Introdução

Gibby Zobel, repórter freelancer britânico, radicado no Brasil há 14 anos, gosta de trabalhar “com som dentro da reportagem” radiofônica. Pesquisa realiza e envia para o programa *Outlook*, da BBC Radio Four, de Londres, em média duas reportagens por mês, com cerca de 8 a 15 minutos. Ultimamente tem feito muitas reportagens em vídeo para internet, mas garante que seu prazer maior é fazer reportagem para rádio. Jornalista, ativista ambiental, criou um jornal radical, junto com um grupo, em 1994. A publicação, segundo Zobel, era propagandista, politicamente aberta, “foi sucesso e mudou um discurso na Inglaterra”. Repórter com modo de vida alternativo, morou alguns anos dentro do Parque Nacional de Itatiaia, porque não tinha mais paciência com grandes metrópoles como São Paulo. Essa alternatividade se evidencia na forma como faz suas reportagens, com olhar entre inconformidade com tamanhas diferenças sociais, e ao mesmo tempo encantamento com cada história que contam as pessoas. Purista como costuma ser um jornalista que segue à risca a ética da profissão, Gibby Zobel só é encontrado na contramão da “agenda do dia”, a procura de pessoas interessantes para contarem suas histórias. Afirma que “se tem um lugar com muitos repórteres a buscar pessoas, a entrevistar políticos, gente conhecida, é lá que não estarei. Vou buscar pessoas em lugares onde nenhum repórter está.” Zobel está seguro de que continuou sua atividade política com o jornalismo, quando decidiu vir para o Brasil em 2002, por conta da eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para presidente. “O que estava acontecendo no Brasil era muito interessante”.

Em 15 de outubro de 2014, Zobel falou sobre seu processo de realizar uma reportagem para o rádio, sobre a ênfase que se deve dar à presença dos sons das pessoas e dos ambientes em que grava suas matérias, o respeito ao direito autoral da captação de sons que usa em suas matérias (“não pego nenhum som da internet”), além do respeito ao silêncio dos entrevistados enquanto eles pensam.

NIVALDO FERRAZ: Você poderia falar um pouco sobre a evidência que dá ao som nas suas reportagens?

GIBBY ZOBEL: O primeiro o foco é o entrevistado. Em geral nas minhas reportagens eu foco em uma pessoa só. A história é dele. Às vezes duas vozes, mas em geral é uma

voz só. Daí eu gosto de ficar pelo menos dois dias com a pessoa, pra conhecer bem, pra ter alguma intimidade. E daí eu procuro os sons do próprio lugar. Então, um pequeno exemplo: entrevistando um artista na Amazônia, eu procuro gravar os sons dos sapos à noite, de macacos nas árvores, do som da água, ambiente da casa dele, coisas sutis e as coisas mais óbvias. Tempestade, alguma coisa desse tipo. Eu gosto muito da textura nas reportagens pra diferenciar as reportagens de alguma coisa que é mais padrão, ou seja, notícia. Se possível coloco música, de vez em quando, no início e no fim das matérias. Mas o som ambiente é uma peça tão chave quanto a entrevista.

NIVALDO FERRAZ: Você falou em “textura”. Com isso você quereria dizer algo como o conceito de tecido sonoro, em que também estaria incluída a vivência da pessoa que é foco de sua entrevista?

GIBBY ZOBEL: Sim. Eu tento sempre refletir fielmente a pessoa e a história no melhor jeito possível. Porque o som ambiente da pessoa faz parte da pessoa. Esse ambiente sonoro reflete para o ouvinte, transportando-o para o lugar em que vive o entrevistado. Se você constitui um tecido sonoro em que vão os sons do lugar do entrevistado, esses sons transportam o ouvinte para aquele lugar, mais do que uma imagem faz. Eu acho que você deve usar muito a inteligência do ouvinte. Outra coisa que eu gosto muito de considerar em minhas matérias é o contrário do som, o silêncio. Gosto muito de fazer é brincar, não silêncio, em termos de som morto, como a gente fala, mas acho que é muito importante você ouvir uma pessoa pensando, que é diferentemente de uma pessoa que fala o tempo todo e torna a fala uma narrativa plena. Você ouvir uma pessoa que, antes de responder a pergunta fica esperando, dando aquela pausa em que pensa para falar. Eu não tiro isso da matéria, eu coloco, porque é interessante ouvir o pensamento da pessoa. Isso é um pouco diferente do som, mas faz parte da sonorização de uma reportagem.

NIVALDO FERRAZ: Interessante essa percepção sutil que você tem de que a pessoa está fazendo alguma espécie de som interno no silêncio externo, porque pensa. O silêncio seria esse lugar de som não exposto enquanto a pessoa produz uma ideia?

GIBBY ZOBEL: Isso. Muita gente [repórteres] tira isso.

NIVALDO FERRAZ: Que é o espaço que a pessoa que vai ganhar, n'ê, de tempo na reportagem.

GIBBY ZOBEL: Sim, sim, mas é importante colocar. Daí a conversa flui mais... Você quer que eu fale mais de exemplos, e ideia em geral?

NIVALDO FERRAZ: Pode ser, sim. Por exemplo, a reportagem que você fez no [museu ao ar livre] Inhotim.

GIBBY ZOBEL: Inhotim. Ah, esse é um exemplo. Diferente. E tecnicamente interessante também. Inhotim, claro, é o espaço de arte contemporânea que é tão sonoro quanto visual. É bem pensado desse jeito. E o início da matéria que eu faço, é o som de Doug Grey, que é um artista sonoro, que colocou microfones a duzentos pés dentro da Terra, pra você ouvir o som vivo daquele lugar. Eu acho que isso é fantástico. Eu fui no primeiro dia e gravei, falando e entrando no espaço, pra você ouvir a diferença entre o ambiente fora e dentro do pavilhão. E aí você começa a ouvir o barulho da Terra. Eu tive de fazer essa passagem falando para a reportagem umas quatro ou cinco vezes, porque o som ao vivo da Terra não é constante. Eu quis fazer uma captação máxima fiel daqueles sons que vinham da terra.

NIVALDO FERRAZ: O som que a terra emite na obra do Doug Grey é muito espaçado.

GIBBY ZOBEL: É verdade. E é maravilhoso.

NIVALDO FERRAZ: Um tempo grande em silêncio. Por isso há os bancos, para que você sente e espere pelos sons.

GIBBY ZOBEL: Sim. Mas aí foi um lixo, porque eu voltei ao hotel, e quando fui ouvir o que eu gravei naquele dia, tinha o som de nosso inimigo: o ar condicionado. Voltei lá no dia seguinte e pedi pra desligar o ar por 20 minutos. E repeti tudo. Mas isso foi uma brincadeira meio fácil, porque o som já estava feito pra eu falar em cima, n'ê? Já é fantástico o som. E eu gosto de fazer todos os links ao vivo. Eu não gosto de voltar pra casa e [fazer em casa os "links"]. Mas às vezes é necessário. Mas quando eu consigo 100% ao vivo, eu fico feliz.

Então, no link seguinte dessa reportagem no Inhotim, eu estou num kart de golfe, falando alguma coisa que já tá escrita, já tá pensada, introduzindo a ideia do espaço. Então eu ando com papezinhos, tudo anotado. Eu tento falar o mais naturalmente possível, com um som que dá a textura do lugar de onde falo. Esses são dois pequenos exemplos que eu queria dar.

NIVALDO FERRAZ: Quais ações sequenciais você realiza para narrar do local do fato?

GIBBY ZOBEL: Por exemplo, eu vou pra Canudos (Bahia) agora [outubro de 2014] pra fazer uma matéria sobre araras. Eu já sei uma coisa: de manhã as araras fazem um barulhão, saindo das tocas. Eu já escrevi sobre isso, sobre o que eu vou tentar falar naquela hora. Mas eu só vou ter alguns minutos para acertar. Então tem que ser bem pensado antes, pra realmente pegar ao vivo. Senão, eu posso editar e fazer depois o off, mas é sempre melhor fazer na hora.

NIVALDO FERRAZ: Você acha que vale essa postura de aproveitar o link na hora, por causa da sua própria emoção na narração?

35

GIBBY ZOBEL: Exatamente! Porque você é os olhos das pessoas que estão ouvindo... Outro exemplo, eu fiz um trabalho no Pantanal sobre a onça pintada. Na hora em que eu vejo a onça pintada pela primeira vez na minha vida, eu estou dentro de um barco, eu emito o som de: “Waaaalllll”. Porque aí essa emoção pega a pessoa [ouvinte]. Ela passa a sentir o que eu estou sentindo. Então essa coisa da hora, de emoção que eu sinto, acho que é muito importante.

NIVALDO FERRAZ: Ainda no seu link, a palavra que você narra ali, você treina antes? Você repete algumas vezes seus links na situação?

GIBBY ZOBEL: Sim. É muito bom se você acerta na mosca na primeira vez, n’ê? Mas se o ouvinte percebe que você está muito treinado ou lendo um papel, você não vai acertar, mesmo lendo um papel. Então eu não fico com o papel lendo a narração. Já estão na cabeça as palavras-chaves ou o fato todo que eu quero transmitir. Então eu coloco o fato na minha emoção, ou coloco também a emoção da coisa que eu estou

vendo ou ouvindo. Essa é a questão: colocar o fato chave dentro de alguma coisa naturalmente falada.

NIVALDO FERRAZ: Isso faz muita diferença, essa ação de você gravar depois o link ou off da sua narração, no estúdio ou na sua casa, muito depois que você sai da situação...

GIBBY ZOBEL: Sim. Toda a diferença.

NIVALDO FERRAZ: Porque você esfria muito, inclusive do ponto de vista da edição.

GIBBY ZOBEL: E você percebe na voz também que é impossível equalizar com a voz com o link anterior ou posterior que você fez no local do fato. Mas, às vezes é essencial fazer no momento posterior, porque você esqueceu de algum elemento narrativo chave. Mas treinando e treinando você começa a esquecer cada vez menos, não é?

NIVALDO FERRAZ: Uma pergunta evidente diante da interessante quantidade e diversidade de temas que você fez em reportagens de rádio pelo Brasil. Como você acha esses temas? Como você chega a eles? As coisas chegam até você, ou você as busca?

GIBBY ZOBEL: A grande maioria de pautas vem de mim. Às vezes Londres manda uma pauta. Mas Londres quando manda uma ideia já viu alguma coisa na internet. Eu gosto de achar vozes e histórias que não estavam divulgadas, se possível. Elas [ideias de pauta] chegam muito aleatoriamente, às vezes. Por exemplo, eu estava indo pra entrevistar um índio da tribo Guarani no sul da metrópole de São Paulo. Eu peguei um trem e depois peguei um táxi. Estava com um taxista e ele percebeu que eu era estrangeiro. E ele falou: “Você é geólogo?” (ri). “Por quê? Eu pareço geólogo?”, eu disse. E ele: “Ah, por conta do meteorito.” “Qual meteorito?”, perguntei. Daí surgiu a matéria sobre o meteorito que caiu a 35 quilômetros daqui do centro de São Paulo, a “xis” milhões de anos atrás, e criou uma cratera gigante, onde hoje em dia tem uma favela. Eu nunca tinha ouvido essa história. Pesquisei na internet, nada. Então eu fui lá e fiz uma matéria. Inclusive construíram um presídio dentro da cratera, para por presidiários que já tinham tentado construir túneis pra fugir de outros presídios. Isso justamente porque, com o meteorito debaixo do presídio, não tinha como construir um

túnel. É nítido, quando você vê uma imagem em 3D, de cima, com a cratera e a favela dentro.

Outro exemplo: esse Canudos, que eu vou fazer agora [outubro de 2014], eu vou fazer duas matérias na Bahia: uma sobre uma pessoa com grande dificuldade física. Uma história de inspiração. Hoje em dia ele faz palestras inspiradoras. Por conta disso eu disse, Ah, quem sabe eu possa aproveitar a viagem e vejo outra coisa. Na minha cabeça eu lembrei uma história de anos atrás sobre uma ave em Canudos. Aí eu fui pesquisar e achei. Nossa, é raríssima a ave, uma história de conservação fantástica. Entrei em contato, conversei, achei a história de dois irmãos que trabalham na conservação dessa ave, através do pai deles. E resumindo, se não fosse por conta dessa família, não ia ter essa ave mais no mundo. Então esse assunto é completamente diferente. Lembrei alguma coisa no fundo da cabeça sobre uma ave, fui pesquisar e achei a história da família. Às vezes é assim, eu deixo muitas coisas na cabeça e ascende uma faísca que me fala: “ah! Eu vou encontrar essa história. Vou procurar, vou ver se tem alguma coisa.”

NIVALDO FERRAZ: E tem alguma coisa que não dá certo nas suas pesquisas? De você ir, buscar, persistir, e em algum momento encerrar porque não está dando resposta? Porque pelo que percebo, alguns temas você busca até sem internet, não é?

GIBBY ZOBEL: Sim... Eu tenho muitas anotações de meses e anos... de dicas... de não sei quem...de não lembro a cidade. Eu olho essas listas de vez em quando e checo se tem alguma coisa que mudou. E sempre tem a hora certa em que é necessário fazer aquela história, porque alguma coisa mudou, ou alguém morreu. Então, eu não fico pesquisando e chego num momento para dizer; “Ah, não tenho história”, não. Geralmente eu estou pesquisando o tempo inteiro, e com vários temas ao mesmo tempo, sabendo que as viagens são limitadas, sabendo quantas reportagens eu posso fazer que em média fossem duas por mês. Aí eu escolho as mais fortes e vou fazendo. Claro que tem uma ou outra pesquisa que eu acho que tem uma história. Mas eu busco fazer histórias que encontrem a superação de uma pessoa... Uma coisa extraordinária de uma

situação ou pessoa ordinária². Não é famoso, não é político, nada disso. Mas às vezes sim, chego à conclusão de que a história não é tão boa assim e desisto. Dou um exemplo: eu tava procurando uma artista jovem, mulher, brasileira, pra uma série de reportagens sobre arte. Foi difícil, eu descartei uns vinte e cinco nomes. Inclusive, Clarice, que é muito talentosa, 24 anos, faz parte da Porta dos Fundos, que é uma coisa que explodiu no ano passado (1993) de comédia nova, n'ê? Mas eu não tinha uma história de superação junto com esse sucesso. Porque ela nasceu no meio de televisão, por pai e mãe, e tal. Eu liguei pra ela, tentei descobrir se ela tinha dificuldades e não tinha. Mesmo querendo fazer a entrevista, eu desisti, porque embora fosse inspiradora, como ela nasceu no negócio, a dificuldade pra superar qualquer coisa era bem controlada.

NIVALDO FERRAZ: Sobre os links que faz ao vivo, quais são as situações específicas em que você vai para estúdio, ou seja, fora do fato, para gravar ou regravar alguma coisa?

GIBBY ZOBEL: Em geral uma dúvida quando Londres tem sobre a história ou a construção da narrativa que eu nem pensei, talvez alguma coisa cultural... Às vezes, é só para fazer um link básico, porque em geral eu gravo duas horas e meia ou três horas de material para cada reportagem e corto para 8 minutos, por aí?

NIVALDO FERRAZ: Duas horas e meia??!

GIBBY ZOBEL: É. De som ambiente, de entrevistas... Uma hora de entrevistas no mínimo, em várias vezes, normalmente três vezes, em situações diferentes.

NIVALDO FERRAZ: Quantas pessoas você costuma entrevistar para cada reportagem, e quanto tempo você entrevista as pessoas?

GIBBY ZOBEL: Depende. A entrevista chave eu gosto de gravar no mínimo uma hora do entrevistado falando. Não de uma vez. Eu gosto de sentar à uma mesa, em um lugar silencioso pra perguntas chave...e também gosto de andar com as pessoas, andando e

² Aqui o conceito de “ordinária” de Gibby Zobe provém de sua língua pátria, pois em inglês “ordinary” significa pessoa comum, que então tem uma história extraordinária para contar.

falando, pra pegar o som do ambiente, e andar sempre é mais dinâmico. Porque se tudo for falado na mesa vai ficar chato. Então, eu tenho que decidir: esses assuntos andando; esses assuntos sentado e esses assuntos num terceiro lugar, assim. Daí fica muito mais dinâmico. Então eu gravo demais. Eu posso fazer um documentário facilmente de 30 minutos em cada reportagem que gravo, (ri). Eu exagero, mas no exagero, geralmente você pega coisas mais íntimas ou mais emocionantes, simplesmente por conta do tempo que você passa com aquela pessoa. Porque ela pega confiança. Ela esquece o microfone e vai falando. Eu nunca faço nada escondido, mas eles esquecem, com o tempo, que o microfone está ligado.

NIVALDO FERRAZ: Mas nas primeiras conversas você está com o gravador desligado?

GIBBY ZOBEL: Não. Estou sempre com o gravador ligado, mas mostrando o microfone e o gravador. Porque é muito útil se tem uma frase, eu digo: “oi, tudo bem? Eu sou o Gibby da BBC” e ele: “oi, tudo legal? etc...” Aí eu já tenho essa apresentação gravada. E eu estou sempre com o microfone na mão. Mas eu vivi uma história que foi o contrário disso. Que foi uma situação muito restrita de fazer entrevistas. Raramente acontece comigo, porque eu não faço famosos, políticos. Mas diferente foi mesmo a reportagem sobre o Paulo Machado. Ele mora no Hospital das Clínicas a vida inteira. Ele tem pólio desde o nascimento. Ele tem hoje em dia acho que 50 anos. Esse tempo todo no hospital. Então a história era essa: o cara que vive no hospital desde que nasceu. Qual é o mundo dele? O hospital, de onde saiu pouquíssimas vezes na vida. Mas para entrevistar tinha muita regra do hospital. Eles não queriam que eu entrasse onde ele vive. Então a entrevista era no corredor, muito difícil. Ele deitado, porque ele precisa de um pulmão de aço, n’ê? Então o hospital me deu 15 minutos de entrevista! É muito difícil. Pergunto: “Paulo, como você se sentiu com todos os seus amigos que morreram em volta de você?” Eu não tinha tempo de falar oi para ele. É horrível, horrível. Mas ele tinha consciência de que era isso. Ele não me julgou. Ele sabia exatamente. Ele falou maravilhosamente. A matéria saiu em quase 15 minutos de tempo total. Tudo o que ele falou e eu perguntei foi pra matéria. Então, às vezes é ao contrário: você tem uma restrição e você vai direto ao assunto. Mas raramente isso funciona. Ele foi uma pessoa excepcional.

NIVALDO FERRAZ: e o que você fez com essa restrição? Fechou a matéria de uma forma mais tradicional?

GIBBY ZOBEL: Por conta dessa restrição eu tinha que ficar um pouquinho mais esperto. Eu peguei uma história dele falando de uma visita. A única vez que ele foi levado na praia. Ele sempre imaginava como podia ser a praia. Ele falou: “nossa, nós chegamos lá e eu vi esse negócio, senti o ar...” uma descrição arrepiante. Eu nunca mais vou andar na praia sem apreciar. Porque ouvi de uma pessoa que só vai ver praia uma vez na vida. Daí eu coloquei sons ambientes, de gravações de mar. Eu sempre procuro colecionar sons que gravo e que podem ser bons; tempestade, o mar... daí o ouvinte fica com o entrevistado no mar, n’ê? Ficou muito legal. E outra coisa: o pulmão de aço dele faz (imita um bip) “pi...pi...pi” a cada 5 segundos.

NIVALDO FERRAZ: Isso entrou claro em toda gravação.

GIBBY ZOBEL: Não tinha como não entrar. Mas como 99% das entrevistas que faço no Brasil são em português, elas são dubladas. Então, eu só preciso das primeiras palavras da resposta dele. Aí você baixa a voz e você ouve a dublagem. Então não atrapalhou tanto. Se isso fosse uma entrevista pra sair em português, não ia sair na rádio, impossível porque o bip interferia muito. E na reportagem eu pus uma segunda entrevista com a melhor amiga dele. Também falando dele. Quer dizer, elaborei mais.

NIVALDO FERRAZ: Dependendo da situação você cria uma ambiência sonora que é artificial do ponto de vista da sua gravação “in loco”?

GIBBY ZOBEL: Essa é uma coisa que eu não procuro fazer, que eu acho que é mentiroso. Mas nesse caso do Paulo (Machado) era o justo. Ele estava falando de uma história sobre o mar. Eu coloquei um som do mar. Inclusive, a gravação que usei foi feita no mar de Santos, que foi a praia que o Paulo conheceu. Então, era o menos mentiroso possível. Mas eu não procuro fazer isso com constância. Eu me preocupo muito com detalhes desse tipo. Se eu coloco um passarinho cantando e eu gravei isso em uma outra área do Brasil que não essa área em que eu ponho o passarinho, alguém vai escutar e perceber que é mentira.

NIVALDO FERRAZ: Isso é uma regra pra você? Uma regra de estética?

GIBBY ZOBEL: De estética e de ética. Se eu não acho uma gravação que fiz, eu não procuro mentir, só pra melhorar em aparência sonora. Eu vou muito além pra achar aqueles sons dos sapos cantando à noite sem qualquer traço humano, n'ê? Eu fico orgulhoso e coloco esses três segundos e fico feliz. Não pego som qualquer na internet.

NIVALDO FERRAZ: As coleções de efeitos da BBC têm sons de tudo.

GIBBY ZOBEL: Claro. E eu nunca usei.

NIVALDO FERRAZ: E sobre a edição? Você tem lá duas horas e meia de gravação. Como isso vira oito ou doze minutos?

GIBBY ZOBEL: Geralmente, depois que eu faço a gravação do dia, eu sento em um lugar silencioso, ponho os fones e ouço as gravações que eu fiz naquele dia. Seja meia hora, quarenta minutos ou uma hora. E faço pequenas anotações. Cada “track”, tipo esse não... Ah, aquela frase que soltou é boa, etc. faço no papel. Daí no fim da gravação eu já construí a história na cabeça. Eu já lembro as frases emocionantes, ou os momentos, os sons chave. Daí fica fácil ir achando e pegando. É um prazer pra mim. Porque a cada passo eu confirmo que acertei. Daí eu pego esses trechos escolhidos e tento costurar a narrativa usando os melhores sons e falas que eu tenho. Normalmente eu ouço a coisa inteira uma vez e já é suficiente. É só duas horas e meia. Daí chega a quarenta minutos. Daí chega a vinte minutos. Daí chega a dez minutos... esse é o processo.

NIVALDO FERRAZ: Você parte de grandes matérias e vai chegando na matéria com o tempo que te pedem?

GIBBY ZOBEL: É. Às vezes eu abro tipo 12 sequências no Final Cut [*software* de edição de som]. Eu trabalho no Final Cut. E o processo é algo assim: “Ah, o som do pássaro... aquele trecho em que ele fala sobre a mãe, etc...” Então eu tenho as doze separadas, que é mais fácil trabalhar cada pedacinho e depois junta tudo, né?... Esse é o método que eu uso.

NIVALDO FERRAZ: Pergunta final: Por que você faz tudo isso?

GIBBY ZOBEL: (ri) (longa pausa) No meio de comunicação eu sou apaixonado por rádio, porque o rádio tem um alcance absurdo, de “low technology”, um radiozinho de alguém ouvindo numa aldeia em Uganda, até alguém no centro da cidade urbana. E pra mim é o máximo atingir esse grupo tão espalhado no mundo. Esse programa [*Outlook*] tem 42 milhões de ouvintes, em todos os países, em todos os meios. Não precisa de internet e computador. Só precisa de um rádio de pilha e acabou. Também eu acho que o rádio é o meio mais inteligente que tem hoje em dia. Tudo mudou com a internet. O rádio não mudou. Melhor, a essência do rádio não mudou. A fotografia mudou, o cinema mudou, a escrita mudou. Mas rádio só foi ampliado, por conta dos podcasts. Agora você pode ouvir quando quiser. Isso também é uma coisa inteligente do rádio. E há outra coisa: eu tenho uma coisa dentro de mim de justiça social. E em vez de martelar um assunto, tipo “ah, vamos preservar o meio ambiente”, eu aprendi a achar histórias de pessoas que fazem coisas maravilhosas que, em consequência, o ouvinte pega a ideia de que talvez preservar o ambiente vai ser bom para todos. E por uma questão de igualdade humana, procuro dar chance de falar às pessoas que não alcançam falar em qualquer outro lugar. Isso está no fundo do que eu faço no rádio.